



**NAS TESSITURAS DO CONHECIMENTO: EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS
COM O USO DA IMAGEM COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**
IN THE TESSITURES OF KNOWLEDGE: PIBIDIAN EXPERIENCES WITH THE
USE OF IMAGE AS A PEDAGOGICAL TOOL

Carla Saliohana de Souza Lima¹
Universidade Regional do Cariri - URCA
Flávia Gabriela Pereira Pascoal de Melo²
Universidade Regional do Cariri - URCA

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre o uso da fotografia como uma ferramenta metodológica no ensino de História. Partimos das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2015, na Escola E.E.F.M. Prefeito Antônio Conserva Feitosa, em Juazeiro do Norte-CE. Com a inovação dos *Annales* no Século XX, o campo das fontes para o estudo de História foi ampliado, e a fotografia passou a ser muito importante para o fazer historiográfico, o que não está dissociado do ensino de História, porquanto seu uso passou a ser vista como uma metodologia diferenciada para as aulas. O professor passou a mediar conhecimentos prévios para a produção de novos conhecimentos, e isso atraiu o olhar dos alunos, que, ambientados com a leitura de imagens, começaram a ver a História de uma maneira crítica, e não, somente como forma de memorizar datas, heróis e eventos históricos. Para subsidiar o estudo, adotamos os pressupostos teóricos de Paulo Freire e de Ana Maria Mauad, com o fim de compreender o lugar da fotografia no ensino de História.

Palavras-chaves: Imagens. PIBID. Ensino de História.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é essencial para a formação de futuros professores, mais especificamente, da disciplina 'História, porque as noções que foram se construindo sobre o saber histórico é de que ele é decorativo e memorístico, logo, não requer muito esforço. Nessa linha de raciocínio, bastaria decorar fatos, datas, heróis ou eventos históricos. No entanto, o programa

¹ Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri, URCA, Brasil. E-mail: saliohanalima@bol.com.br

² Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri, URCA, Brasil. E-mail: flaviagabrielapp@hotmail.com

possibilita uma desconstrução dessa imagem, visto que todo processo de aprendizagem é pensado com o emprego de metodologias inovadoras, a fim de facilitar o processo de ensino/aprendizagem.

Lembramo-nos do contexto da década de 70, que marcou a disciplina ‘História do Brasil’, pois seus professores foram proibidos de lecionar no ensino fundamental referente ao 1º grau. Segundo Fonseca (1993), o forte caráter ideológico da disciplina era visto como perigoso, considerando o contexto político da época, por isso não interessava ao governo de então que os alunos fossem educados para ser cidadãos críticos, “seres pensantes”. Por essa razão, a disciplina foi descaracterizada e passou a ser ‘Estudos Sociais’. Criaram-se, então, as licenciaturas curtas em Estudos Sociais. Os professores formados em um curto período de dois anos estariam aptos a ministrar aulas de História e de Geografia. No entanto, os professores formados em História não poderiam ministrar a disciplina, só os que eram formados em Estudos Sociais.

Os professores formados em História só poderiam exercer a docência no equivalente ao Ensino Médio. Isso nos faz refletir sobre a formação de profissionais desqualificados para o exercício da docência, considerando que essa era uma pauta do regime militar: formar professores que não se preocupariam com a formação crítica e do ser. Os profissionais formados só se interessariam em passar para o aluno o conteúdo do livro didático. Foi por causa disso que a História ficou meramente conhecida por ser decorativa e ter como finalidade estimular os educandos a memorizarem datas, heróis, entre outros. A respeito disso, Fonseca nos diz:

[...] Esta investida contra os profissionais de História revela a outra dimensão que vai além da econômica [...]. Trata-se do controle ideológico sobre a disciplina em níveis de 1º grau na formação dos cidadãos e do pensamento brasileiros. O profissional oriundo da licenciatura curta estava muito mais propenso a atender aos objetivos do Estado, aos ideias de Segurança Nacional do que um profissional oriundo de um curso de licenciatura plena em História, apesar das limitações deste. A licenciatura curtas generalizante, não preparando suficientemente o professor para o trabalho nas escolas, acabava, na maioria das vezes, empurrando-o para a alternativa mais cômoda, ou seja, utilizar o manual didático, reproduzindo-o de uma forma quase absoluta, reforçando um processo de ensino onde não há espaço para crítica e criatividade (FONSECA, 1993, p. 28).

Diante do exposto, considerando o caráter ideológico da disciplina para formar um indivíduo que seja capaz de atuar em sua sociedade com pensamento crítico, o Programa (PIBID), até hoje, tem subsidiado teoricamente os alunos bolsistas, através dos textos selecionados e encaminhados pelos professores coordenadores do programa que atuam na Universidade Regional do Cariri (URCa), a fim de possibilitar que, nas reuniões semanais que acontecem na referida instituição, discutam sobre eles, na perspectiva de encontrar formas de articular a teoria com a realidade do aluno.

A experiência pibidiana nas escolas é de suma importância para a formação docente na medida em que conduz os graduandos a terem contato com a sala de aula no início de sua formação. Isso os auxilia a aprimorar o processo de construção crítica do conhecimento e a refletir sobre a própria prática. Convém enfatizar, ainda, que os licenciandos passam a olhar o ambiente escolar de forma diferente desde cedo, porque confrontam suas expectativas com a realidade. Há que se ressaltar que o fato de dominar a teoria não garante aprendizagem, embora ela seja indispensável. Então, perguntamos: como utilizar o conhecimento histórico em sala de aula?

Para responder a essa questão, evidenciaremos as experiências vivenciadas durante o ano letivo de 2015 na E.E.F.M. Prefeito Antônio Conserva Feitosa, a fim de pensar em novas maneiras de ensinar História e despertar o interesse do aluno pela disciplina. Para isso, elegemos a fotografia como uma ferramenta facilitadora e eficiente no processo de ensino e aprendizagem. Trataremos aqui dos resultados obtidos com essa nova forma de pensar a História com os alunos, descrevendo todo o processo.

2 UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA: AULAS/OFICINAS

A temática trabalhada no subprojeto de História do ano de 2015 foi 'juventude e ensino de História'. Na primeira oficina, os alunos refletiram sobre o conceito de jovem e de juventude no espaço/tempo, sobre os estereótipos da juventude e os diferentes tipos de jovens no espaço/tempo e na contemporaneidade. Em suas falas, eles enfatizaram o consumismo. E quando perguntados sobre o que é ser jovem e com que tipo de jovem se identificavam, eles se consideraram consumistas. Portanto os outros momentos planejados foram referentes ao tema 'juventude e consumismo'.

A fotografia foi a ferramenta escolhida para estimular os alunos a se interessarem pela disciplina. A escolha pela fotografia se justifica porque entendemos que poderia ser utilizada para se discutir sobre a juventude e o consumismo na contemporaneidade. Os alunos foram os protagonistas de todo o processo, que visava elaborar uma exposição fotográfica como produto final. Mauad (1996, p. 3) define a fotografia como

[...] uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido ou, ainda, uma leitura do real realizada mediante uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de determinado saber de ordem técnica.

Entendemos que a fotografia não é uma cópia da realidade, mas um resultado que envolve decisões e subjetividade em relação às escolhas humanas. Na oficina, as fotografias expostas foram capturadas e escolhidas a partir do olhar dos alunos. “[...] Por fim, há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz ‘clic’ [...]” (MAUAD, 1996, p.4).

Como a temática a ser abordada seria fotografia, o grupo de bolsistas se reuniu para fazer um planejamento com subsídios para que os discentes adquirissem conhecimentos sobre a fotografia, antes de vivenciar o momento prático. Assim, no dia 17/09/2015, um profissional da área fotográfica ministrou uma oficina sobre noções de fotografia, seu surgimento, os tipos de câmera e de técnicas a serem utilizadas no momento em que os alunos lidassem com a *fotografia de bolso*, para capturar as imagens com os próprios celulares. Eles deram e trouxeram sugestões e perguntaram sobre em que perspectiva deveriam fotografar.

Depois de realizada essa oficina, planejamos um percurso urbano, que aconteceu no dia 01/10/2015, com a finalidade de fotografar pontos de consumo no centro de Juazeiro do Norte-CE, mais especificamente, no Cariri Garden Shopping. Por conseguinte, um percurso urbano até o Mercado Central, com o intuito de fazer com que os alunos percebessem a presença do consumismo na sociedade capitalista. Porém, eles deveriam atentar para a questão das desigualdades sociais e refletir sobre até que ponto

uma classe mais abastada possui mais poder aquisitivo para adquirir determinado produto de forma exacerbada, enquanto há uma realidade oposta, que designa pessoas de uma classe considerada baixa a não conseguir obter certos objetos.

Terminada essa etapa, cada um dos alunos escolheu uma fotografia para problematizar em forma de texto a ser entregue aos bolsistas. Dos textos que os alunos escreveram foram retiradas frases para legendar as fotografias selecionadas para a exposição, a fim de ser apresentada como resultado desse processo na Universidade Regional do Cariri, nos dias 10 e 11 de dezembro de 2015, no III Encontro do PIBID URCA e no VI Colóquio de Formação Docente. Nesse segmento, foi planejada uma intervenção coletiva na instituição, por meio da técnica do *lambe*, que consiste em fixar a imagem na parede com cola. Os alunos, os bolsistas e o professor supervisor do programa participaram da montagem de uma exposição fotográfica com as fotos selecionadas, na rampa próxima ao Departamento de História. A exposição foi chamada de *(RE) Pensando olhares*.

É importante destacar que os alunos participaram ativamente do processo, interagiram e apresentaram suas visões sobre o consumismo juvenil ou a fotografia. Dessa forma, o processo obteve sucesso, porquanto pois atraiu o olhar dos discentes para a disciplina 'História'. O papel do professor é sobremaneira importante para inovar o processo de ensino-aprendizagem através das várias possibilidades de se ensinar história. Por isso, escolhemos a fotografia como ferramenta pedagógica para facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

No Século XX, no campo da História, o grupo da nova História, conhecido também como *Annales*, ampliou a concepção de fonte histórica, que também passou a ser objetos, receitas, roupas, relatos orais, entre outros, e rompeu com a visão positivista de que fonte histórica seriam apenas os documentos oficiais escritos. Nesta pesquisa, a fotografia foi pensada para além de fonte histórica, como metodologia eficiente para aproximar os alunos do conteúdo de História e facilitar sua aprendizagem. Portanto se tornaram produtores de conhecimento, já que promoveram uma exposição fotográfica baseada nas reflexões sobre consumismo juvenil.



3 EXPOSIÇÕES FOTOGRÁFICAS: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

A disciplina ‘História’ nem sempre foi percebida como capaz de formar cidadãos críticos. Seu ensino sempre esteve focado na memorização de datas, de eventos, de nomes de heróis etc. Por o professor precisa pensar em outras possibilidades de ensinar história, para evitar as tão conhecidas “aulas chatas”, que se limitam a transmitir o conteúdo do livro didático por meio de aulas expositivas.

O trabalho aqui esboçado reflete novas maneiras de ensinar história e novas possibilidades de conteúdos extracurriculares, como a ideia de se pensar nas culturas juvenis pelo viés consumista no olhar da História e com o uso da fotografia como uma ferramenta pedagógica. Convém ressaltar que o livro didático é uma importante ferramenta pedagógica, e nossa ideia é de que novas metodologias podem ser empregadas para se ensinar história com base em nossa experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docências (PIBID). Por essa razão, pensamos em uma nova temática para as aulas e o uso da fotografia no processo do aprendizado.

Rusen (2011, p. 44) entende que “[...] o aprendizado histórico seria, no entanto, parcial, quando considerado somente como processo cognitivo. Ele é também determinado através dos pontos de vistas emocionais, estéticos, normativos e de interesses [...]”. Nesse sentido, é possível, durante o processo de ensino, trabalhar a consciência histórica dos estudantes, utilizando a fotografia como ferramenta para esse fim. Rusen (2011) entende que a consciência histórica é compreendida como operações mentais em que o indivíduo consegue interpretar a própria experiência de evolução temporal, não só de si mesmo, mas também do mundo a sua volta, para se orientar no tempo. E como a fotografia é carregada de experiências temporais, produzidas intencionalmente ou não, e que podem situar o sujeito, confrontá-lo ou, até mesmo, legitimar alguma verdade para aquele que a ler.

O processo de aprendizagem não pode ser concebido como algo simples, porque se devem levar em conta a subjetividade humana, as condições físicas do ambiente, os aspectos e as condições sociais que permeiam a vida e o cotidiano dos alunos. É necessário compreender os padrões normativos impostos pela sociedade para

desconstruí-los e problematizá-los em conjunto com os alunos. E como o professor não detém o saber sobre tudo, também aprende ao mesmo tempo em que media o aprendizado.

A exposição fotográfica foi planejada nas reuniões semanais de planejamento da equipe. Visamos atingir as competências e as habilidades da disciplina, como a representação, a comunicação e a investigação, com o intuito de que os alunos se vissem como sujeitos históricos que atuam em seu tempo, capazes de interpretar a realidade e de compreender determinados contextos históricos e suas construções sociais. Por isso, eram constantemente avaliados em suas participações. Para Mauad (1996, p. 4), “[...] entre o objeto e sua representação fotográfica, interpõe-se uma série de ações convencionalizadas tanto cultural como historicamente [...]”.

Portanto, o uso de imagens no ensino de História poderá contribuir com a prática docente no processo de aprendizagem, quando se concebe que a fotografia, de forma mais específica, pode assumir um papel de recurso didático e ferramenta metodológica ao mesmo tempo. Isso acontece o professor consegue fazer uma mediação entre o conhecimento que o estudante carrega consigo, ou seja, sua visão de mundo, suas vivências, e estabelece uma relação com a própria imagem em questão e a linguagem visual nela contida. “[...] A tarefa coerente do educador que pensa certo é exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica, a produzir a sua compreensão do que vem sendo comunicado [...]” (FREIRE, 2015, p.39).

Nessa perspectiva, pode-se trabalhar a interpretação dos discentes, no sentido de que dirijam o olhar para a leitura de uma fotografia. Isso se justifica porque um profissional da área de História precisa se ater ao contexto social, econômico e político que determinada imagem representa. Há o recorte temporal/espacial de uma realidade que está situada em uma época específica, imbuída de significados e que pode ser utilizada para construir um novo conhecimento.

Ao trabalhar a temática do consumismo por meio da fotografia, foi possível perceber explicações variadas sobre o assunto com base no que os estudantes observaram durante o percurso. Eles fotografaram uma peixaria localizada em um

Shopping Center do município de Juazeiro do Norte - CE e, em contrapartida, atentaram o olhar para outra peixaria, situada no centro da cidade já citada. É possível perceber a tentativa de se estabelecerem relações de semelhança e de diferença no momento da fotografia, embora as fotos tenham sido produzidas em um mesmo tempo presente, na mesma cidade, porém em espaços diferentes, que contrastam e potencializam as dimensões de desigualdade resultante do consumismo em uma sociedade capitalista.

Ao apreender a realidade fotografada, os bolsistas indagaram sobre as razões de suas escolhas para registrar determinado comércio, produto, entre outros, e demonstraram suas inquietações em relação ao contexto social e o público que frequenta os ambientes registrados, o que ocasionou uma reflexão dos professores bolsistas, que propuseram a elaboração de frases críticas para legendar as fotos. Segundo Freire (2015, p. 83), o processo de ensino-aprendizagem exige curiosidade:

[...] a construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindí-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

É importante salientar que, para se estabelecer, na relação entre o professor e o aluno, durante o processo de aprendizagem, uma convivência que possibilite o aprendizado, além do respeito mútuo, o docente deve incentivar a curiosidade de sua turma e adotar uma postura crítica diante do mundo. Assim, as experiências e as indagações de ambos ajudarão a construir o conhecimento.

[...] O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2015.p.83).

Portanto, quando consideramos o uso da fotografia como uma ferramenta pedagógica, nossa intenção não é somente de afirmar que a prática docente deve ser considerada proveitosa quando as aulas são um *show* ou motivadoras. Esses atributos são indispensáveis para o processo de aprendizagem. Porém o que procuramos enfatizar

é que, através da fotografia, é possível trabalhar as variações de perspectivas do conhecimento histórico: propiciar a criação de hipóteses a partir das interpretações que os estudantes fazem; identificar elementos que os ajudem a compreender o contexto econômico, social e, até, cultural; perceber as mudanças, as permanências e as semelhanças pertencentes ao tripé presente, passado e futuro e orientar o aluno a pensar para além do que está sendo colocado, em relação às temáticas a serem trabalhadas. Esse deve ser um exercício constante de repensar as construções sociais que se apresentam na realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi abordado nesta pesquisa, entendemos que é necessário pensar sobre a importância do exercício da docência pelo profissional da área de Educação. Isso se justifica porque, segundo Freire, o ato de ensinar requer respeito e liberdade. Para isso, o profissional deve planejar suas aulas visando incentivar o educando a refletir sobre o conteúdo exposto. Esse processo requer que o professor tenha autoridade, que não deve ser confundida com autoritarismo.

Pensar em novas formas de ensinar História exige trabalho e planejamento. Isso deve incluir aulas dinâmicas, para evitar que os alunos considerem a disciplina enfadonha. O professor deve ter em vista os objetivos que deseja atingir no final do processo e entender que não essa não é uma tarefa fácil, porque as atividades podem ser frustrantes ou demonstrar um ótimo resultado. No final do processo, é preciso fazer uma avaliação para saber se os alunos conseguiram atingir os objetivos estabelecidos.

A atividade que aqui esboçamos foi uma exposição, em que utilizamos imagens sobre a temática juventude e consumismo. Para isso, todo o processo foi previamente planejado e visou atingir objetivos que foram alcançados no decorrer do processo. Isso foi possível com as avaliações propostas em nossos planos, pontuais ou não. Os alunos sempre demonstraram interesse pelas atividades e se esforçavam para ter sucesso nelas.

O PIBID deve ser pensado como um incentivo à prática docente, porque que é com suas vivências que os alunos, quando ainda estão cursando a graduação em História, conseguem pensar novar em formas de abordar o conteúdo na sala de aula.

Esse programa também aproxima a universidade da escola, pois, durante a vivência que aqui descrevemos, vimos que o ambiente da universidade foi utilizado pelos alunos da rede básica para uma intervenção fotográfica. Segundo Fonseca (2013, p. 114),

[...] no exercício da profissão, na prática, na experiência da sala de aula, o professor também aprende e se forma. A formação é permanente e complexa. A identidade profissional docente é definida social e historicamente. Como é bastante óbvio, mas ainda assim gosto de repetir, ninguém nasce professor, mas torna-se professor. É um processo inacabado.

Durante o processo de utilização da imagem no ensino, enfrentamos dificuldades, no entanto, foram superadas. Isso porque o professor deve se arriscar a empregar metodologias novas em suas práticas, a fim de aproximar o aluno do conteúdo exposto. O processo foi rico, pois possibilitou uma troca de conhecimentos. Afinal, não somos seres acabados e estamos em constante construção.

Dessa maneira, alunos e bolsistas aprenderam em conjunto e adquiriram conhecimentos. O processo foi pensado de acordo com a realidade dos alunos, ou seja, o contexto social onde estavam inseridos, porquanto o educador não pode planejar atividades sem considerar a realidade dos alunos, e o sucesso delas depende de sua interação com o proposto pelo professor.

[...] Os professores tornam-se professores de história aprendendo e ensinando, relacionando-se com o mundo, com os sujeitos, com os saberes e com a história. Formação e prática não são atividades distintas para os professores. Ensinar é confrontar-se, cotidianamente, com a heterogeneidade e partilha de saberes. Assim, por caminhos distintos, movidos por visões teóricas e políticas, o papel do professor de história é contribuir para formar o cidadão. (FONSECA, 2013.p.115)

É preciso não só considerar a universidade como espaços de construção do conhecimento, mas também as escolas e aproximar os alunos ainda graduandos em licenciaturas do espaço da sala de aula e dos alunos do ensino básico. Dessa maneira, há contribuição para formação docente com relação a sua prática. As discussões teóricas no ambiente acadêmico agora podem ser pensadas na prática.



Afinal, de nada servirá o conteúdo se o professor não souber explicá-lo aos alunos e torná-lo significativo para eles. Por essa razão, deve encontrar estratégias para que os educandos se apropriem do conteúdo, ao invés de memorizá-lo, e atentar para a realidade deles e as condições sociais em que estão inseridos. Isso requer metodologias que despertem o olhar do aluno, como por exemplo, o uso da imagem no ensino.

ABSTRACT

This article seeks to reflect the use of photography as a methodological tool in the teaching of History, from the experiences of the Institutional Program Initiation Grant to Teaching (PIBID) in 2015, the school EEFM Mayor Antonio Conserva Feitosa in Juazeiro do Norte - CE. In this sense it appears that from the innovation of the Annales in the 21th century, there was an area sources expansion for the study of history, where the picture starts to be of great importance to do historiographical, which is not dissociated from the teaching history, because the picture is seen as a different methodology for classes allowing the teacher mediate prior knowledge to produce new knowledge, thus attracting the eyes of the students, who set in the reading of images, come to see the story of a critical way and not just as a way of memorizing dates, heroes and historical events. Therefore, Paulo Freire and Ana Maria Mauad are theoretical basis for research that seeks to understand the place of photography in teaching History.

Keywords: Images; PIBID; History Teaching.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. 2. ed. São Paulo, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- _____. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papiros, 2013. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem fotográfica: fotografia e história interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- RUSEN, Jorn, *Jorn Rusen e o ensino de história*. Organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins - Curitiba: Ed. UFPR, 2011.